

Introdução

Ivo Assad Ibri

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

IBRI, I.A. Introdução. In: *Semiótica e pragmatismo: interfaces teóricas: vol. I* [online]. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica; FiloCzar, 2020, pp. 23-27. ISBN: 978-65-8654-693-4. Available from: <http://books.scielo.org/id/n2ckr/pdf/ibri-9786586546934-03.pdf>. <https://doi.org/10.36311/2020.978-65-86546-93-4>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Introdução

A ideia de fazer um livro com uma coletânea de ensaios, previsto em dois volumes, de que este é o primeiro, teve uma motivação que se pode considerar óbvia: a de reunir o que estava disperso em uma grande variedade de publicações, tanto em nosso país como no exterior.

Pode-se, também, visualizar duas funções que o livro irá, de certa forma, cumprir. A primeira é proporcionar ao estudioso com interesse nos temas aqui trazidos um acesso direto ao trabalho de um mesmo autor, poupando-o da tarefa de buscá-los em publicações esparsas em diversos veículos.

De outro lado, esse perfil de obra permite ao autor um inventário de seu próprio trabalho de pesquisa, facultando-lhe a experiência privada da memória própria a cada um dos textos: da contingência de sua escritura, de sua motivação pessoal e, principalmente, do estímulo à reflexão trazido pela vivência acadêmica.

Este primeiro volume da coletânea reúne, em três seções, temas associados a filosofia da arte, lógica heurística e teoria das crenças. Outras três seções temáticas estão no projeto do segundo volume.

Como edição planejada em língua portuguesa, alguns dos textos foram traduzidos dos originais em inglês e espanhol. Todos eles foram sequencialmente ordenados como capítulos em cada seção, implicando em um trabalho, até onde isso foi possível, de supressão de redundâncias de citações e passagens que, em cada um destes textos, contextualizavam as diretrizes teóricas gerais do tema especificamente abordado. Muitas passagens extraídas da obra de Peirce podem ser reencontradas em capítulos distintos. Contudo,

considere-se que elas servem ao reforço de conceitos caros à abordagem específica do texto e, frequentemente, sua reexposição se deve à exploração de significações adicionais, mesmo vicinais, que à tal especificidade possa ter interessado abarcar.

O título escolhido, a propósito, é emblemático da linha de reflexão sobre a filosofia de Peirce a que tenho me dedicado. As interfaces entre Semiótica e Pragmatismo definem, a meu ver, o território teórico onde circulam as diversas nuances da noção de *significado* que se lastreia na primeira das ciências da Filosofia, a Fenomenologia. Nessa se encontram as categorias da experiência, os modos de ser de todos os fenômenos que podem aparecer para uma mente potencialmente cognitiva.

Esta fértil relação entre Semiótica, Pragmatismo e Fenomenologia vem proporcionar um campo experimental que dá verossimilhança às proposições dela derivadas, permitindo lançar redes hipotéticas, abduativas, para a formulação de uma metafísica – em particular, uma ontologia – que torna factível repensar um realismo dos universais, não mais sob os problemas colocados em sua origem escolástica, mas à luz de questões oriundas da cultura contemporânea em suas expressões mais gerais.

A expressão *consequências práticas*, presente na máxima do pragmatismo tal como proposta por Peirce, configura, como se sabe, aquilo que dá aos conceitos sua possível significação. De sua vez, o significado da expressão, que levou a máxima a ser equivocadamente interpretada por outras versões do pragmatismo que superlativam e tornam o *agir* um fim em si mesmo, empresta ao princípio um vínculo com as categorias fenomenológicas e, por assim fazer, delimita o sentido de *ação* a uma delas – a secundidade.

Os estudiosos do pragmatismo de extração peirciana sabem que o termo *prático* tem vínculo com *conduta* e que essa não pode ser reduzida à instância particular da mera ação, mas a algo que a generaliza e, portanto, depende de sua observação espaçotemporal. Tomando o sentido de *conduta* como generalização da ação ou modo de agir, ela assim se situará sob a terceira categoria. É por esse viés que a máxima do pragmatismo é entendida como vinculante do significado dos conceitos à afecção da *conduta* que eles induzem.

Não há dúvida de que o que se pode observar diretamente são as ações dos diversos seres que constituem o teatro da existência, mas sua generalização é inferencial e é nessa inferência, proporcionada pelo seu espelhamento nas ações, que se situa a significação.

O alegado difícil campo experiencial das assim chamadas ciências humanas têm na tríplice aliança entre Semiótica, Pragmatismo e Fenomenologia uma possibilidade de se redimirem da alegação de que as ciências da Natureza podem, com quase exclusividade e de maneira mais clara, submeter suas proposições à experiência. As ações humanas, entendidas sob o pragmatismo peirciano, podem sempre ser observadas como a forma determinada de exposição dos conceitos, crenças, hábitos, enfim, de todas as formas sógnicas que, de algum modo, as balizam e definem condutas, individuais ou coletivas.

O pragmatismo propõe, então, um princípio de significação que depende do modo como fenomenologicamente os conceitos, e tudo o que é de sua natureza, *aparecem* na experiência e podem ser interpretados pelo leque de signos oferecidos pela Semiótica, a saber, os signos *interpretantes*. Há nestes a possibilidade de se identificar significações que não são exclusivas da rede lógica da linguagem, mas podem ser buscadas diretamente na experiência.

A identificação de *imediações*, tanto como as *mediações*, na filosofia de Peirce, é proporcionada pelas suas categorias. Enquanto as experiências sob as categorias da primeiridade e secundidade não se relacionam com o tempo, e por assim serem são de natureza imediata, aquelas sob a terceiridade contemplam o que é temporalmente estruturado, formando os signos gerais, onde se situarão as mediações que buscam representar a conduta dos objetos.

O compromisso do aparecer fenomenológico é, ao fim e ao cabo, o que nutre tanto uma filosofia de cunho lógico, preditivo, possivelmente aderente com a experiência futura, quanto o que não desdenha aquilo que não se situa nesse âmbito das inferências lógicas mediativas. Abre-se a possibilidade de se considerar uma espécie de resíduo de mundo que poderá ser recolhido e significado pela sua importância na conduta humana,

reconhecendo nessa uma complexidade que extravasa os limites de alcance lógico da linguagem.

Ao se percorrer a Semiótica e nela encontrar formas de significação para além das que usualmente estão contidas nos enunciados de origem lógica, antevê-se a convocação de pontes, *interfaces* com o Pragmatismo onde a conduta pode ser afetada não apenas pela alteridade dos fenômenos, mas, também, pelo que eles carregam de sentimento, de acidentalidade existencial, de presença intensa do Chronos, e com igual importância, sua radical ausência.

Não à toa, o conceito de realidade de Peirce coaduna-se justificadamente com as possibilidades fenomenológicas de diversos aspectos da experiência. A possibilidade de dar voz a cada um deles é uma das consequências da interfacialidade entre a Semiótica e o Pragmatismo sob o pano de fundo do universo amplo das classes de experiência trazidas pela Fenomenologia peirciana.

O poder heurístico desse trio redundando numa concepção de Natureza cujas formas de *ser* desenham-se logicamente harmônicas com seus modos de *aparecer*, destituindo o sujeito da experiência do ônus de constituir a realidade como sua forma mais frequente de nominalismo. Ao contrário, uma espécie de equivalência de direitos facultada pela validade das categorias tanto nos planos fenomenológico quanto ontológico, proporciona conceber uma conaturalidade entre o humano e o natural, na boa herança que Peirce tem de Schelling, autor que marca o *espírito* de sua filosofia, muito mais do que o faz na *letra* – um século de história os distancia, e sua distinção passa também pela formação cultural de ambos.

Peirce é um lógico, malgrado de uma estirpe insólita por esse *dar voz* ao que, em geral, os lógicos sequer sonharam. Sua teoria lógica da descoberta, dada pela teoria da Abdução, funda-se em elementos objetivos derivados de uma filosofia da Natureza e de um sistema de doutrinas que se entrelaçam harmonicamente, nascidas do trio Semiótica, Pragmatismo e Fenomenologia.

Schelling está imerso no ambiente do Romantismo alemão, prestando contas ao reclamo dos poetas de seu tempo que rejeitavam uma visão mecanicista de mundo e requeriam não apenas um vitalismo natural, mas também atribuíam um

eidos à Natureza que a justificaria como obra de arte. O leitor poderá encontrá-los juntos, Peirce e Schelling, em alguns dos textos deste livro e verificar sua proximidade teórica.

Coabitar no edifício teórico de um autor nos faz ouvir convites de ideias que perambulam no interior de seu ambiente. Elas se combinam de forma inusitada e convocam outras, disponíveis na história, para com elas formar ricas conjecturas que abrem horizontes de pensamento e permitem um livre jogo criativo que pode redundar em novas descobertas filosóficas.

Assim, a imersão intensa nas ideias de um autor que construiu um complexo *sistema* teórico, talvez o último da história da filosofia, desperta ambições de prosseguimento das conjecturas que este sistema encetou, espalhando suas valências potencialmente combinatórias para diversos campos da cultura humana.

No âmbito dessas ambições estaria uma nova leitura das ciências, das artes e das relações humanas. Para isso, não basta apenas, como testemunho pessoal, uma articulação lógica das doutrinas propostas pelo sistema, mas aquilo que Schelling demandava de seus leitores para compreender seus escritos: sensibilidade.

A par do árduo estudo da filosofia de Peirce, essa sensibilidade schellinguiana vem cumprir um papel importante para apreender o alcance das ideias para além de sua motivação meramente lógica. Adestrá-la recorrendo exemplarmente à música e à poesia, por mais insólito que possa soar, facultará ao espírito perceber o que extravasa o conteúdo aparente das doutrinas filosóficas de um sistema essencialmente heurístico, sugerindo uma visão renovada e criativa de mundo e das relações humanas.

Por fim, vale destacar, uma vez mais, que a experiência de percorrer como autor esses ensaios presentifica uma consciência do quanto ainda restou dizer em cada um deles, trazendo com ela o compromisso de dar forma, em textos futuros, ao que neles ficou contingentemente silenciado.

Espero que o leitor tenha seu trabalho de pesquisa facilitado por esta obra e que possa se valer das sugestões, explícitas ou silenciosas, que cada ensaio venha possivelmente lhe proporcionar sobre o que mais poderia ter sido dito.

Ivo A. Ibrí